



Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 405 - 437

A partir da música, as emoções se expressam: estudo fenomenológico com discentes universitários

From music, emotions are expressed: a phenomenological study with university students

Guilherme Vasconcelos Torres

Ewerton Helder Bentes de Castro

RESUMO

O homem, como ser no mundo, tem a capacidade de transformar tudo que lhe é significativo (ou não) em conjuntos rítmicos, harmônicos e melódicos. A música tem permeado o fazer e o caminhar humano desde a ancestralidade. Assim, a música tem subsidiado o desenvolvimento, o crescimento e propiciado o enfrentamento de situações difíceis nos vários contextos sociais. Dessa forma, esta pesquisa buscou compreender o sentido atribuído à uma música erudita – Bourée em Mi Menor de Johann Sebastian Bach – por estudantes de psicologia a partir do olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial. A pesquisa é no viés qualitativo, de caráter descritivo e exploratória, utilizando o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia. Foram participantes vinte e dois discentes do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Após escutarem a música, foram realizadas entrevistas áudio gravada que partem de uma questão norteadora que sofreu possíveis desdobramentos. A análise das entrevistas foi realizada considerando os pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial de Maurice Merleau-Ponty, sendo construídas, a partir das falas dos participantes, cinco categorias de análise: A récita inicia: a imersão na música e as sensações; Temporalidade; Capacidades, habilidades e atitudes; E sou afetado: os sentimentos afloram; Outras concepções, outras conotações, outras possibilidades. O estudo aponta para a utilização da música para subsidiar o processo ensino/aprendizagem e em Dinâmicas de Grupo com grupos específicos.

Palavras-chave: Música erudita, Discentes, Psicologia, Fenomenologia

Abstract

Man, as a being in the world, has the ability to transform everything that is significant (or not) into rhythmic, harmonic and melodic sets. Music has permeated human making and walking since ancestry. Thus, music has subsidized the development, growth and enabled the confrontation of difficult situations in various social contexts. Thus, this research sought to understand the meaning attributed to classical music – Bourée in E Minor by Johann Sebastian Bach – by psychology students from the perspective of Phenomenological-Existential Psychology. The research is qualitative, descriptive and exploratory, using the phenomenological research method in Psychology. Twenty-two students from the Psychology Course at the Federal University of Amazonas took part. After listening to the music, recorded audio interviews were carried out, departing from a guiding question that suffered possible consequences. The analysis of the interviews was carried out considering the assumptions of the Phenomenological-Existential Psychology of Maurice Merleau-Ponty, with five categories of analysis being built from the participants' statements:



The recital begins: immersion in music and sensations; Temporality; Capabilities, skills and attitudes; And I am affected: feelings surface; Other concepts, other connotations, other possibilities. The study points to the use of music to support the teaching/learning process and in Group Dynamics with specific groups.

Keywords: Classical music, Students, Psychology, Phenomenology

Introdução

A música, você sabe, são só pequenas vibrações, pequenas palavras e coisas pequenas, mas tem esse efeito poderoso. E o poder de cura da música é sério.

Paul McCartney

A música esteve presente nas relações humanas durante toda a nossa existência, cheia de conteúdos e essências. Os ritos, as rodas de cantiga, os bailes, os gritos de guerras, os shows de rock, seja o que, onde e quando for, a música está ativamente presente, ocasionando mudanças no meio em que se encontra, como se fosse mais do que um em-si qualquer.

O homem, como ser no mundo, tem a capacidade de transformar tudo que lhe é significativo (ou não) em conjuntos rítmicos, harmônicos e melódicos. Determinados conjuntos, sozinhos ou acompanhados uns dos outros, acabam retendo significação maior do que a que foi dada pela pessoa que a construiu. Sendo assim, um simples trecho de música pode evocar percepções nunca antes imaginadas pelo próprio autor, mas que acabam por fazer parte da essência do conjunto de sons. Traz-se então o conceito de intersubjetividade, em que muitos para-si encontram a si mesmos de formas diferentes em apenas um determinando conjunto de sons, e que, segundo Rogers (1961) “aquilo que é mais pessoal é o que há de mais geral”. Ou seja, as distintas percepções encontram um ponto em comum, a música em si.

Sendo assim, a música passa a ser uma linguagem universal e um ponto de encontro para pessoas ao redor do mundo todo, que atravessa o tempo e o espaço e quebra barreiras. É possível se comunicar e transmitir emoções através dela. Estes conjuntos rítmicos, harmônicos e melódicos criados por nós mesmos acabam por influenciar na fisiologia humana e despertar sensações que afloram as mais diversas percepções.



Além disso, falar de linguagem e de universo é falar de psicologia. Trabalhar com música é trabalhar com aspectos particulares e gerais do homem, pois sua aplicabilidade é densa. Ela pode ser usada como ferramenta para o conhecimento de si através das percepções que surgem.

A música tem sido utilizada enquanto instrumento para a compreensão dos sentimentos e afetos das pessoas nas mais variadas áreas. Dessa forma, encontramos trabalhos realizados tanto a nível nacional, quanto internacional (Schlindwein, 2015; Silva, 2013, Queiroz, 2013; Galvão, 2006; Polo, 2011; Al- Assal, 2008;).

Sendo assim, escolhi utilizar esta manifestação artística, que sempre esteve presente em minha vida e na de muitas outras pessoas ao redor de todo o mundo, como base para este trabalho. Eu acredito que nela podemos encontrar um ao outro de uma forma espontânea a partir da generalidade de nossas particularidades. Isso torna a música como instrumento perfeito para diversas ocasiões, que vão desde diversão até o seu uso em contexto empresarial ou terapêutico. Ou seja, a música é mais do que interdisciplinar. Podemos defini-la como multifocal e “intercontextual”.

Durante meus anos de relação aprofundados com a música pude perceber o quanto ela influenciou minha vida e a vida de outras pessoas que comigo convivem e/ou conviveram. Além do mais pude perceber que a significação que damos ao conjunto de sons e silêncio influencia diretamente na própria influência em si. Considerando contextos diferentes, procura-se entender como uma música erudita em questão pode trazer à tona emoções e percepções.

A partir do momento que determinado processo apresenta-se como uma exímia ferramenta para conhecimento acerca de si e do outro, ele pode ser usado em de diversas formas com o ser-no-mundo.

Enquanto aluno de Psicologia e desenvolvendo atividades de estágio no PROAMDE/FEFF/UFAM, entrei em contato com mães de crianças com paralisia cerebral. Em determinado momento, desenvolvi atividades junto a este grupo através da



utilização da música e percebi que algo mais poderia ser ali, com aquelas pessoas, mais explorado.

Diante do exposto, cumpre ressaltar que alguns questionamentos vieram à mente:

a) Como esses grupos poderiam estar atribuindo sentido à música erudita?; b) Que dimensão de significados e sentidos poderiam aí se fazer presentes?; c) De que aspectos do temporalizar poderiam estar sendo vivenciados?

Assim, o estudo veio no sentido de compreender a vivência desse outro em situação determinada. Considerando a característica a que se propôs este projeto, cabe ressaltar que a Fenomenologia é o aparato teórico que compreendo como o mais adequado para a análise desta situação de pesquisa. Uma vez que, Fenomenologia significa a compreensão, a busca pelo vivido por esse outro e assim, o sentido atribuído a uma determinada vivência (Castro, 2017; 2020; Holanda, 2014; Forghieri, 2011).

A música utilizada nesse trabalho torna-se de bom uso para trazer à tona percepções, pois traz um conjunto de notas graves e agudas tocadas no violão que soam como se estivessem dançando umas com as outras. Em alguns momentos se distanciam e em outros se tocam. A mesma é uma obra clássica de Johann Sebastian Bach intitulada “Boureé em E menor”.

Boureé é uma clássica dança francesa e nesta música em particular as notas fazem os pares de dança e juntam-se a elas as percepções, que fluem como os mesmos passos rápidos desta música.

Ao longo da construção do projeto de pesquisa, foram realizadas entrevistas com diferentes grupos de mais ou menos 4 pessoas em que “Boureé em E menor” foi tocada em um violão Cort Earth 70E, enquanto os voluntários estiveram de olhos fechados, e as percepções e emoções evocadas foram descritas a partir da leitura de transcrições de gravações dessas entrevistas. Reforça-se que as percepções foram oriundas das notas musicais e dos silêncios em questão, pois “Boureé em E menor” não conta com acompanhamento de letra em língua específica. Sendo assim, a linguagem universal que é a música falou por si só, sem interferências.



A corporeidade e outros conceitos existenciais

A filosofia de Merleau-Ponty (2011) caracteriza-se como uma crítica aos modelos empirista e intelectualista. O empirismo considera o homem como um ente meramente submetido às leis mecânicas da natureza, já o intelectualismo concebe o homem como pensamento que sobrevoa o mundo.

Na Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty afirma que na tentativa de ficar livre das contradições da vida, o racionalismo e o empirismo criam um mundo objetivo e a concepção de um sujeito racional neutro. Ele propõe um retorno àquele mundo considerado ilusório pela ciência, um retorno ao mundo vivido. Para Merleau-Ponty (2011), a tarefa da filosofia é interrogar o mundo tal como lhe aparece, questionar a experiência total do homem. Trata-se de recolocar o homem na ordem da existência, noção esta que foi esquecida com a prevalência do pensamento positivista. Segundo o teórico, precisamos reaprender a ver o mundo, originalmente.

De acordo com Merleau-Ponty (2011, p. 109), a experiência espacial, temporal e corporal antecede o pensamento objetivo: “É preciso que reencontremos a origem do objeto no próprio coração de nossa experiência”.

Merleau-Ponty, assim como Husserl, também se interessa pela questão de como o homem conhece a realidade. Contudo, questiona o conceito de consciência intencional/transcendental de Husserl e, influenciado pelas concepções dos psicólogos da Gestalt, considera o fenômeno perceptivo. Para Merleau-Ponty (2006), a percepção revela-se como uma experiência primordial do homem, como experiência pré-reflexiva de contato entre o homem e o que existe, ao contrário da tradição intelectualista/experimental que concebe a percepção como um obstáculo ao conhecimento.

Segundo Merleau-Ponty (2011), a percepção caracteriza-se por ser uma experiência vivenciada, um modelo do encontro originário homem-mundo, assinala também que na tradição filosófica cartesiana só se fala do corpo, do universo, do espaço



e do tempo em ideia. Assim, configura-se o pensamento científico o qual faz com que percamos o contato com a experiência perceptiva.

Merleau-Ponty (2011) desdobra a reflexão sobre a percepção para a questão do corpo. A percepção é a experiência original do corpo com o mundo ao seu redor. O corpo não é um espaço objetivado em contraposição a alma, mente ou inteligência. O corpo passa a ser considerado como corporeidade, ou seja, é o elo vivo com a natureza, fonte de conhecimentos e sentidos existenciais. Portanto, não se trata de um “eu penso” como uma etapa para o conhecimento, trata-se de um conhecimento que se funda senso corporalmente.

Baseado nesse autor, se pode afirmar que o corpo sabe, o corpo compreende e os sentidos existenciais se manifestam corporalmente. Afirma ele (Merleau-Ponty, 2011, p.131): “A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência”.

Na obra Fenomenologia da Percepção, dedica algumas páginas ao fenômeno do membro fantasma que ocorre com pessoas que sofrem amputação. Para ele, tal fenômeno não é efeito de uma causalidade objetiva ou física, tampouco, psicológica, como uma crença ou recordação, mas diz respeito ao ser-no-mundo, o qual sintetiza o físico e o psíquico.

Aquilo que em nós recusa a mutilação e a deficiência é um eu engajado em um certo mundo físico e inter-humano, que continua a estender-se para seu mundo a despeito de deficiências ou de amputações [...] A recusa à deficiência é apenas o avesso de nossa inerência a um mundo [...] ter um braço fantasma é permanecer aberto a todas as ações das quais apenas o braço é capaz, é conservar o campo prático que se tinha antes da mutilação. O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo, é para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.



Segundo Merleau-Ponty, o corpo que vive e está no mundo, é o “meu corpo”, e, portanto, não pode ser reduzido a um mero objeto. Dessa forma, o homem existe e percebe o mundo corporalmente.

Critica a concepção cartesiana de que tudo que existe pode ser tomado como coisa (res) material (extensa) ou coisa (res) pensante (cogitans). Em Descartes o dualismo corpo/mente ocorre por se tratar ambos como coisas (res). Logo o homem não é um fato psíquico unido a um fato orgânico, mas a inter-relação dos mesmos que ora se apreende como corporal ora como atos pessoais. Mente e corpos se entrelaçam numa relação de troca que se dá em um mundo. O que nos permite a tornar a ligar o ‘fisiológico’ e o ‘psíquico’ um ao outro é o fato de que, reintegrados à existência, eles não se distinguem mais como a ordem do em si e a ordem do para si, e de que são ambos orientados para um polo intencional ou para um mundo (Merleau-Ponty, 2011).

Merleau-Ponty (2011) afirma que a psicologia clássica torna objeto a experiência do sujeito vivo. Dessa forma, a experiência do corpo se degrada em representação do corpo. O corpo deixa de ser um fenômeno, uma experiência e passa a ser um fato psíquico, um modo de representação psíquica. O corpo, tomado mecanicamente, anula a experiência do corpo próprio e, por conseguinte, a experiência do outro como existente. Afirma (p. 195): “Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por ‘representações’, sem subordinar-se a uma ‘função simbólica’ ou ‘objetivante’”.

Merleau-Ponty tenta superar tal dicotomia, afirmando que existir significa ser um corpo, que o viver sempre se dá corporalmente e que é no corpo que se dá à relação homem-mundo. O corpo não é uma massa material, pois toda experiência humana é sempre corporal. Assim, não se pode separar corpo e consciência. A filosofia de Merleau-Ponty interroga a experiência vivida do homem encarnado, pois onde há corpo, há história vivida.

O corpo sintetiza a história e a relação do indivíduo com o mundo e antecede todo e qualquer conhecimento intelectual. Daí, a importância que o teórico concede ao



irrefletido como fonte de conhecimento. O corpo não é mera representação de conteúdos da mente. O homem não tem um corpo, mas é um corpo que percebe e é percebido.

Em Merleau-Ponty (2011), o corpo não é uma reunião de órgãos justapostos no espaço. O corpo é não dividido, sabe-se da posição dos membros por um esquema corporal. A espacialidade do corpo não é como a dos objetos, uma “espacialidade de posição”, mas uma “espacialidade de situação”, ou seja, a fixação do corpo ativo em um objeto, a situação do corpo em face de suas tarefas. Não é nunca nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal, e isso sem mistério, porque já era nosso corpo, enquanto potência de tais e tais regiões do mundo, que se levantava em direção aos objetos a pegar e que os percebia.

Assim, não é um “corpo objetivo” que movemos, mas um “corpo fenomenal”. Merleau-Ponty (2011) recoloca o corpo em seu lugar original, como fonte e origem do conhecimento, afirmando que o corpo é o pivô do mundo, ou seja, o meio pelo qual temos um mundo. Da mesma maneira, o sujeito posto diante de sua tesoura, sua agulha e suas tarefas familiares não precisa procurar suas mãos ou seus dedos porque eles não são objetos a se encontrar no espaço objetivo [...] mas potências já mobilizadas pela percepção da tesoura ou da agulha, o termo central dos ‘fios intencionais’ que o ligam aos objetos dados.

Para Merleau-Ponty (2011), a vida é sustentada por um “arco intencional” que projeta em torno do indivíduo seu passado, seu futuro, seu meio humano, sua situação física, sua situação ideológica, sua situação moral e faz com que ele esteja situado sob todos esses aspectos. É esse arco intencional que faz, segundo o que está exposto na Fenomenologia da Percepção, a unidade entre sensibilidade e motricidade.

O movimento, na perspectiva merleau-pontyana não é, o pensamento de um movimento, o espaço corporal não é o espaço pensado ou representado. Cada movimento determinado ocorre em um meio, sobre um fundo qual é determinado pelo próprio movimento.

Dessa forma, segundo Merleau-Ponty (2011, p.212) o corpo é um “sistema de potências motoras ou de potências perceptivas [...] não é objeto para um ‘eu penso’: ele é



um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio”. Não se apreende um hábito por meio da associação, mas pela apreensão da significação motora do mesmo.

Na visão de Merleau-Ponty o indivíduo existe para si mesmo pela experiência de seu corpo e pelo corpo assume o espaço, os objetos e instrumentos. A visão científica não considera a relação homem-mundo porque que o homem domina pela racionalidade o mundo de objetos. A fenomenologia merleau-pontyana compreende a relação homem-mundo como indissociável, pois concebe o sujeito como sujeito encarnado no mundo.

No instante em que vivo no mundo, em que me dedico aos meus projetos, a minhas ocupações, a meus amigos, a minhas recordações, posso fechar os olhos, estirar-me, escutar meu sangue que pulsa em meus ouvidos, fundir-me a um prazer ou a uma dor, encerrar-me nesta vida anônima que subtende minha vida pessoal. Mas, justamente porque pode fechar-se ao mundo, meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação (Merleau-Ponty, 2011).

Portanto para Merleau-Ponty (2011), é pelo corpo, que tanto se entende o outro quanto se percebe e compreende as coisas.

Material e Método

Participantes

Foram considerados participantes da pesquisa 22 discentes do Curso de Psicologia da FAPSI/UFAM sendo de diferentes períodos, a saber: 1º, 2º, 4º e 7º períodos. Este quantitativo se deve ao fato de que como foi utilizada entrevista áudio-gravada este número de participantes foi percebido como suficiente para o desvelamento do fenômeno pesquisado. A seleção dos discentes foi realizada a partir da seguinte forma: o projeto foi apresentado nas salas e grupos das turmas de uma plataforma de mensagens instantâneas e foi solicitado a aquiescência dos possíveis participantes, sendo marcado o dia, o horário e o local da entrevista em grupo.

Para preservar o sigilo, os nomes verdadeiros dos participantes foram substituídos pelos seguintes nomes fictícios: Lucy, Prudence, Marvel, Anna, Duchess of Kirkcaldy,



Eleanor Rigby, Billy Shears, Lovely Rita, Sgt Pepper, Rocky Racoonn, Bungalow Bill, Mary Jane, Molly Jones, Michelle, Martha, Miss Lizzy, Mr. Kite, Lady Madonna, Jojo, Carol, Julia Sally. Os seguintes nomes referem-se a personagens de diversas músicas de The Beatles, em razão da representatividade da banda no que concerne a história da música e manifestação das influências musicais no cotidiano. Além do mais, o trabalho completo dos quatro integrantes de Liverpool engloba os estilos musicais mais variados, que vão desde Rock and Roll até a música erudita.

Local da pesquisa:

A pesquisa foi realizada nas dependências da Faculdade de Psicologia (FAPSI) da Universidade Federal do Amazonas e salas de aula da Faculdade de Ciências Agrárias 2 (FCA 2), tendo em vista os participantes permanecerem cotidianamente neste ambiente que possui infraestrutura para a realização da entrevista.

A maioria das entrevistas foi marcada no Laboratório de Fenomenologia (LABFEN) da FAPSI, onde os participantes sentaram-se ao redor de uma mesa redonda, enquanto escutavam a música e no decorrer da entrevista. Entretanto, pelo fato de algumas entrevistas terem sido realizadas em horários próximos ao de aula, estas foram realizadas numa sala de aula da FCA 2, onde os alunos assistiam às determinadas aulas. Na sala de aula, os participantes se organizaram em círculo, com as cadeiras que se encontravam na mesma.

Obtenção das entrevistas:

Foi utilizada a Entrevista Fenomenológica com os participantes, efetivada a partir de uma questão inicial, permitindo ao pesquisador colocar-se na condição de ouvinte, intervindo quando necessário com o objetivo de esclarecer, informar ou facilitar as expressões oriundas dos participantes da pesquisa. A entrevista foi áudio-gravada e transcrita. A pesquisa foi realizada a partir da seguinte questão norteadora: “*Gostaria que*



“você me dissesse o que você sentiu ao escutar a música que acabei de tocar?” Qual a parte da música que você mais gostou?

A entrevista sob o olhar da fenomenologia procurou perceber os sentidos atribuídos à experiência, segundo Castro (2009; 2017; 2019; 2020) culmina em ter uma visão dos aspectos que formam o todo do fenômeno. Além disso, Martins e Bicudo (2005) indicam que o investigador, nessa perspectiva da entrevista fenomenológica, procura permitir, através de uma pergunta norteadora, que os participantes possam trazer a luz do relato o sentido percebido por cada um deles a experiência, permitindo assim que o pesquisador possa ter um norte durante a sua investigação, ter um sentido.

Compreensão das entrevistas

As entrevistas foram analisadas a partir das orientações de Martins e Bicudo (2005) que são efetuadas em etapas abaixo descritas:

a) Leitura de cada entrevista do princípio ao fim no objetivo de compreender a linguagem do participante e conseqüente visão do todo, ou seja, neste momento não se buscará ainda qualquer interpretação do que está exposto e sem tentativa de identificação de quaisquer atributos ou elementos ali contidos;

b) Releitura atenta de cada entrevista, quantas vezes foram necessárias, com a finalidade de discriminação de unidades de significados dentro da perspectiva do pesquisador. Será uma análise que seguirá critério psicológico, sendo, conseqüentemente, resultado da análise e diretamente relacionado à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador diante da questão norteadora;

c) Diante das afirmações significativas, ter uma postura reflexiva e imaginativa, para expressar o que se intuiu dentro delas mesmas, deste modo buscando-se expressar o insight psicológico nelas contido, mais diretamente, ou seja, o que o participante está querendo me dizer no que está falando;

d) Foram sintetizadas todas as **unidades de significado** transformadas em uma proposição consistente referente à experiência do sujeito. Assim, buscou-se a convergência das unidades significativas numa afirmação sobre a experiência dos



participantes, de forma a constituir as categorias temáticas que expressam o que sentem as entrevistadas. Compreenda-se que este foi o primeiro momento, ou seja, o que possibilitou o desvelamento das Unidades de Significado.

A obtenção dos dados foi iniciada após a aprovação do protocolo e do projeto de pesquisa elaborado de acordo com o preconizado pelas diretrizes do CNS, pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados e Discussão

De acordo com o que foi explicitado anteriormente, foi solicitada a permissão da instituição para que se pudesse dar início à realização das entrevistas nas dependências das Faculdades de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. A partir daí, foi realizada a proposta para com os alunos para participação na pesquisa e marcadas as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

Sendo assim, foram concluídas seis entrevistas com alunos do primeiro, segundo, do quarto e do sétimo período de Psicologia, que totalizaram em vinte e dois voluntários, a partir dos procedimentos metodológicos e éticos apresentados até o momento. As entrevistas ocorreram nas dependências da Faculdade de Ciências Agrárias 2 (FCA 2) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e no Laboratório de Fenomenologia (LABFEN) da Faculdade de Psicologia (FAPSI) da UFAM, sendo áudio gravadas.

Em sequência, os áudios foram transcritos integralmente e foram previamente analisados, estabelecendo-se as unidades de significados nas falas de cada participante das entrevistas, podendo-se identificar, ocorrência de muita temporalização e sensações de relaxamento, alegria, ansiedade, dentre outras, no momento em que a música estava sendo tocada.

1. A récita inicia: a imersão na música e as sensações

E a experiência inicia. Os participantes se permitem, literalmente, mergulhar nessa proposta. E nesse mergulho conseguem vivenciar a situação com magnitude tal que



“deixaram a música os tocar”. O momento mostra um mundo-vivido repleto de percepções de si mesmos em uma dimensão que foi além do que esperavam.

As nuances [...] eu conseguia tipo sentir o teu dedo vindo mais pra baixo [...] mais pra cima [...] E eu fiquei tentando prestar atenção nas notas [...] eu tentei não pensar em nada justamente para não me desconcentrar da música. E eu fiquei tentando prestar atenção nas notas [...] dá para se concentrar mais [...] com olhos fechados [...] Mas quando eu fechava meu olho conseguia prestar mais atenção. E eu conseguia tipo imaginar um local. É como se eu não tivesse só nessa sala aqui com um monte de cadeira normal (**Lucy**)

Eu esvaziei a mente. Tipo [...] eu deixei que a música me tocasse [...] eu acho que [...] pela parte que tava mudava [...] às vezes era alegria [...] às vezes passava calma... Dependia muito do que tava saindo [...] acho que eu me concentrei mais de olho aberto [...] não sei! Se essa coisa só acontece de olho fechado. Eu consigo! Eu viajo [...] Mas eu prefiro estar de olho aberto [...] E imaginando! (**Prudence**)

me fez sentir que eu estava na cena de um filme que eu adoro [...] que é orgulho e preconceito [...] me lembrou as danças [...] e dá uma sensação de um campo [...] Eu pensei em como as pessoas faziam essas músicas [...] as notas eram tão [...] elas dizem tanto sobre a época [...] eu fiquei me perguntando assim [...] como pode uma música conseguir ser marcada tão [...] de tal forma por uma época [...] Alegria [...] porque foi [...] eu não consegui parar de pensar em coisas boas e felizes a partir do momento que começou a tocar (**Duchess of Kirkcaldy**)

Me lembro de algum lugar [...] mas não sei onde [...] acho que o começo tem uma música que eu gosto que é o do Pearl Jam, que ela segue muito essa coisa do [...] de ir pra uma nota e depois voltar pra anterior e aí eu senti isso nessa música também [...] como se fosse uma coisa meio cíclica [...] Relaxamento [...] eu dormiria escutando [...] questão de onda cerebral [...] organizar onda cerebral, então, se passar um dia agitado como geralmente eu passo aí chega de noite e vai diminuindo (**Marvel**)



Uma sensação de paz e de calma [...] me traz justamente essa ideia de um campo [...] até um tom de natal nessa música (**Eleanor Rigby**)

Me veio a lembrança de felicidade, lembrar de como se tivesse uma música de fundo para um momento feliz (**Anna**)

Eu senti uma, duas coisas contraditórias [...] um pouco de paz e num determinado momento da música [...] eu senti uma certa velocidade, uma certa pressa [...] (**Billy Shears**)

Uma calma [...] calmo assim, um relaxamento e ao mesmo tempo, uma euforia como se cada nota fosse soltando uma espécie de energia (**Billy Shears**)

Eu [...] mais pensei do que senti [...] mas eu pensei numa caminhada, alguma coisa assim tranquila [...]... uma coisa mais [...] contínua assim [...] uma continuidade (**Sgt Pepper**)

Paz [...] em primeiro momento paz [...] inclusive fui lá na minha infância [...] não sei porquê [...] que esta música me fez lembrar do tempo que eu banhava em rios, nos açudes, quando eu era criança com as outras crianças, já próximo da adolescência também ali (**Rocky Raccoon**)

Ahn! eu senti conformidade como [...] como algo do cotidiano sabe? Confortável, eu me senti confortável (**Mary Jane**)

eu gostei do começo [...] acho que eu me concentrei mais [...] Calma [...] eu me concentrei [...] eu (agucei) meus sentidos e acho que eu consegui! sei lá! eu tentei captar a melodia (**Bungalow Bill**)

Calma! Ahn! Eh! Como eu posso dizer? Tipo [...] foi calma! Relaxamento [...] de certa forma me senti entretida! Prestando atenção em cada nota (**Molly Jones**)

a minha sensação foi que eu tava relaxando! Mas eu tava também me concentrando. Então eu ficava atenta pra tentar prever qual seria a próxima que tu ia dar e perceber [...] É uma sintonia! Uma ritmicidade na música. Eu nunca ouvi essa música! Então eu fiquei realmente prestando atenção (**Michelle**)



O sentimento que eu mais tive foi de alegria! Tipo [...] como se eu tivesse [...] tipo [...] não tem quando a gente assiste um filme e a música faz com que a cena pareça alegre? Aí, foi essa a sensação que eu tive” (**Martha**)

Parece que a gente tá entrando em outro ambiente que dá uma sensação que a gente tá [...] não [...] não diria me concentrando [...] porque eu divaguei bastante [...] Porque na minha cabeça vieram muitas coisas... Eu não conseguia me concentrar numa nota especificamente [...] a primeira parte [...] logo quando começou foi muito de imediato. Daí, eu me senti indo pra outro lugar [...] então eu senti. Não sei se foi nessa hora que eu me transportei. Mas achei muito gostoso o começo da música, logo o início dela que é uma coisa [...] bem [...] quero falar uma coisa bem musical [...] mas eu não consigo [...] é bem gostosinha também (**Miss Lizzy**)

Eu escutando essa música de olho fechado e prestando atenção [...] meio que parece que me transportou como se fosse pra idade média [...] uma música ambiente de idade média [...] que é bem calma, mas a gente percebe que tem uma movimentação assim [...] acho que foi nos primeiros segundos, nas primeiras notas, porque eu acho que nesse momento já [...] foi o que eu identifiquei [...] como seria a música! No caso. Que foi aí que entendi. Que seria uma música nesse pensamento que eu tive, medieval e et cetera. Então eu acho que as primeiras notas que foram importantes pra mim entender como funcionaria o ritmo e como eu ia me sentir em relação a isso. (**Mr Kite**)

Gente! Eu sou a única diferente! Que eu fiquei bem angustiada [...] justamente por isso! Porque a música tipo (...) te transporta para alguma coisa que parece que é televisiva! E aí eu lembrei. Sabe aquela minissérie [...] acho que era hoje é dia de Maria, que acontecia umas coisas muito doidas [...] eu fiquei lembrando tipo daquela temática” (**Lady Madonna**)

Especificamente eu tava tentando me lembrar de onde eu a conhecia. Eu fiquei tentando procurar enquanto a ouvi. E também prestei atenção na parte técnica da música. Às vezes tava prestando atenção nos tons. Principalmente o tom mais grave



que eu mais gosto. Mas foi basicamente isso. Algo técnico e uma procura de tentar lembrar de onde eu conheço a música. **(Jojo)**

Eu lembrei de uma série que eu vejo que é da época medieval e tudo, que tipo, tem essa música. Tô no primeiro episódio. Comecei a ver ela ontem. É [...] o nome da série é Reign (...) É idade média. E aí tipo. Tem essa música. E eu fiquei [...] sei lá! Senti calma também [...] tipo [...] ela meio que abaixa a pressão. Abaixa a pressão entre aspas. Me deixa calma e tudo. É legal. **(Sally)**

Calma [...] Relaxamento **(Carol)**.

Foi uma mistura de calma e [...] eu tava um pouco ansiosa **(Julia)**

Especificamente eu tava tentando me lembrar de onde eu a conhecia. Eu fiquei tentando procurar enquanto a ouvi. E também prestei atenção na parte técnica da música. Às vezes tava prestando atenção nos tons. Principalmente o tom mais grave que eu mais gosto. Mas foi basicamente isso. Algo técnico e uma procura de tentar lembrar de onde eu conheço a música. **(Jojo)**

Eu acho que eu tive a mesma sensação que ele falou. Qual foi o filme que eu ouvi isso [...] qual foi [...] eu fiquei tentando lembrar **(Julia)**

O conhecimento do fenômeno é gerado em torno do próprio fenômeno, pois quando o Ser se encontra com algum objeto que se apresenta diante de sua consciência: primeiro ele nota e percebe esse objeto em harmonia com a sua forma (consciência perceptiva), para depois o objeto entrar em sua consciência e passar a ser um fenômeno.

Para se chegar ao verdadeiro entendimento do fenômeno, Merleau-Ponty (2011) afirma é preciso “olhar” o vivido como os surdos olham e falam, pois é nessa mudez que a percepção se encontra expressiva, que é possível ver e sentir coisas que nunca havíamos nos atentado. É quando se cala que se ouve a verdadeira voz (voz interior) é que é possível abrir a língua a seus sons e a mão à sua escrita, revelando a verdadeira quietude da percepção.

Merleau-Ponty (2014) traz que as qualidades são reconhecidas por comportamentos que mostram a essência do ser. A percepção não é uma mera



causalidade, mas uma forma de re-criar o mundo (p. 279). Dessa forma, pode-se pontuar que, ao permitirem-se adentrar na experiência, cada um dos participantes conseguiu vislumbrar em si mesmos, em seus corpos, o que a música propiciava naquele momento.

2. Temporalidade

A música ao ser trabalhada com os grupos, permitem que os participantes possam ir além do locus onde se dava a récita. Literalmente, a imersão no que estava sendo realizado possibilitou que retornassem no tempo e vivenciassem aquele momento à conta de lembranças das mais variadas: filmes, danças, fases da vida, espaços que foram revisitados no decorrer do processo, conforme se percebe nas seguintes subcategorias:

2.1 Da música propriamente dita

[...] eu lembrava alguma música de algum jogo. Que eu já tinha escutado. E tem [...] tinha horas que ela me lembrava uma canção natalina. Então de certa forma, trazia um pouco de alegria. (**Prudence**)

Me lembra um jogo de fantasia medieval. Mas ao mesmo tempo eu já ouvi essa música em algum lugar [...] veio a lembrança das aulas de música (**Lucy**)

Eu pensei na música love story da Taylor Swift [...] eu pensei nos bailes antigos também assim como a Duchess of Kirkcaldy [...] pensei num tempo [...] mais antigo (**Anna**)

Acho que o começo, tem uma música que eu gosto que é o do Pearl Jam [...] que ela segue muito essa coisa do de ir pra uma nota e depois voltar pra anterior e aí eu senti isso nessa música também [...] como se fosse uma coisa meio cíclica (**Marvel**)

Eu acho que eu já ouvi essa música em algum lugar, alguma playlist da vida aí [...] eu acho que todas essas partes que ficaram indo e voltando de nota, o final também foi muito legal porque eu consegui pensar nessa música aí pensando em várias coisas que ficavam mais na minha mente que eram justamente as danças e os bailes [...] tava pensando sempre a música numa dança e o final foi bem tipo terminando e as pessoas se cumprimentando (**Duchess of Kirkcaldy**)



eu transferei também pros pensamentos um pouco de mim, né? a respeito da, da minha alegria, da minha energia, da [...] da minha vontade, do que eu gosto de fazer que é dançar [...] então, no momento que você tocava eu imaginava uma menina, uma moça no campo, uma camponesa dançando [...] assim, foi a minha viagem foi essa (**Billy Shears**)

Maravilha [...] por conta de tudo isso que ela me trouxe né? todas essas recordações, todo esse sentimento que ela me fez resgatar aqui, em poucos minutos acredito, depois olhando ali pro relógio, eu falei que era dois minutos e meio, mas não chegou a dois minutos e meio né? Menos, um minuto e alguma coisa [...] então, me fez eu recordar tanta coisa assim (**Rocky Raccoon**)

eu descrevo essa música em percurso, porque ela me fez temporalizar parte da minha vida, momentos que eram bem calmos e momentos que eram bem [...] eh [...] rápidos, bem estressantes, então, percurso! (**Billy Shears**)

No meu caso eu lembrei mais dos livros que eu li durante a infância assim, tipo Mary Jane Austen e tal, justamente essas cenas do cotidiano que ela fala muito nos livros delas [...] eu acho que foi por isso inclusive que eu fiz associação com o cotidiano, porque é música é basicamente assim a trilha sonora que eu imaginava para os livros (**Mary Jane**)

Eu escutando essa música de olho fechado e prestando atenção. Meio que parece que me transportou como se fosse pra idade média. Uma música ambiente de idade média. Que é bem calma mas a gente percebe que tem uma movimentação assim [...] me lembrou uma cena que eu já vi em algum lugar [...] E uma sensação boa. E é isso. (**Mr Kite**)

The witcher! um jogo [...] é [...] ele tem uma trilha sonora assim [...] é medieval [...] me lembrou bastante skyrim também, faz muito tempo que eu não jogo. Tem essa [...] essa musiquinha assim de corte (**Bungalow Bill**)

Eu fiquei pensando em orgulho e preconceito [...] o filme! Dessa época Tipo assim [...] dessas músicas. Eu acho que foi só isso (**Carol**)



Acho que é lembrar de tipo parar pra assistir uma série, né? Uma temática mais antiga. Acho que é mais essa lembrança de estar em casa parada pra assistir (**Julia**)
Só fiquei pensando em filmes antigos (**Carol**)

Eu não lembrei de nada assim de mim... O que eu lembrei foi uma cena do... Do filme dos Três Mosqueteiros (...)Tem um quarto... O filho de não sei quem... É um menino novo que queria ser mosqueteiro... Os mosqueteiros já tavam (inaudível)... Aí ele provoca uma... Uma briga em uma praça... E eu me sentia nessa praça... Como se eu tive em um sonho assim. (**Martha**)

Eu lembrei de um gif. Que é com uma música da Lady Gaga (...) eu comecei a lembrar disso e fiquei rindo na hora que tu tava tocando porque eu realmente tava lembrando desse gif. Lembrança pessoal nenhuma (**Miss Lizzy**)

2.2 Lembranças da infância e de figuras significativas

Me fez lembrar um pouco é [...] a minha infância. Me fez lembrar um pouco, em alguns momentos. Porque, a cadência da música. Numa música instrumental. É [...] ela sei lá, tem horas que a música fica parecida. Justamente ela parece [...] que tudo é meio parecido. E teve horas que me lembrou muito. É, as músicas de Mário, sabe? E isso me lembrou infância! Ainda mais que eu to doente! Eu lembrei de eu doente jogando videogame e tal. Essas coisas assim. Foi basicamente isso. (**Molly Jones**)

Eu lembrei do meu pai. O meu pai toca violão também. E eu lembrei especificamente de quando ele tocava pra eu ver. Porque meu pai toca muito melhor que eu. E eu tentava aprender. Aí meio que me lem [...] Veio a lembrança assim. Do meu pai tentando me ensinar a tocar violão. E é muito bom. Eu senti saudade do momento assim [...] (**Michelle**)

Desde a infância estudei um pouquinho, quando eu era menina estudei um pouco de flauta doce. É e eu gosto, sempre gostei de cantar, de tocar, nem tanto! porque pede disciplina e realmente, eu reconheço, eu não sou uma pessoa disciplinada e eu acho



incrível a música em todas as suas vertentes e a clássica, o fato de tocar também é [...] te leva pra [...] pra outro nível de sensações (**Billy Shears**)

Como me percebi [...] ah! eu me vi assim, em terceira pessoa e, e em diversas, como eu falei no começo. Eu vi várias fases da minha vida e além de eu me ver em terceira pessoa eu me via quando era criança, quando era mais novo e agora [...] eu fiquei vendo um caminho da minha vida assim, das etapas dela, a infância [...] da própria adolescência e agora aqui na universidade (**Billy Shears**)

Também me lembrou uma parte da minha adolescência em questão assim, de dança, que eu sempre fui participei, né? Então, acho que essa parte aí eu me vi assim (**Billy Shears**)

Então, de início assim eu tentei, eu lembrei, acabei lembrando da infância: “Eu lembrei da minha infância também, né? e também quando eu estudava música (**Sgt Pepper**)

[...] inclusive fui lá na minha infância, não sei porquê. Que esta música me fez lembra do tempo que eu banhava em rios, nos açudes, quando eu era criança com as outras crianças, já próximo da adolescência também ali [...] é, fiquei pensando agora, fez essa pergunta, né? alguns anos atrás minha mãe me diz o seguinte: que os cegos eles, a pessoa quando ficava cega, ele conseguia visualizar com o ouvido (**Rocky Raccoon**)

Algo não muito específico. Mas eu tenho quase certeza que alguma banda que eu ouço tem um trecho dessa música durante a música deles. Então me lembrou um pouco da adolescência, quando eu comecei a ouvir. Coisa mais pesada e tal. Mas o tempo de escola. Escola e o início da faculdade. Dois mil e doze. Dois mil e treze. Mais ou menos essa época. É porque eu era muito ‘nossa, tenho que ouvir muita coisa’. Aí, eu começava a ficar procurando. Um ratinho de música. Mais ou menos nessa época”. (**Jojo**)

A ideia de entretenimento



Veio lembrança só de jogo. Inclusive deu vontade de querer jogar alguma coisa
(Lucy)

Eu pensei por algum motivo, mas tem nada a ver que é, como é meu passado me condena [...] os dois se não me engano, não sei se vocês já assistiram, mas tem uma cena que eles estão em volta de uma fogueira, à noite, assim tarde da noite, aí eles tão bebendo, conversando, tocando e essa cena veio na minha cabeça [...] só isso”
(Eleanor Rigby)

É. Nesse [...] Como eu falei. Nesse contexto de idade média, medieval. Eu associo logo. A primeira coisa que vem na minha cabeça é Game of Thrones. Porque é uma temática parecida. Não é medieval. Mas tem todo aquele negócio de castelo, sabe? Que a gente associa. Quando escutei isso. E também aos jogos. Porque eu jogo muita coisa e então. Eu já joguei (alguns) RPG que tem um tema medieval e levei. Isso é tudo que me veio a cabeça e centralizou nesse tema de idade média. **(Mr Kite)**

Eu acho que eu me vi vendo televisão. Exatamente isso! Porque eu lembrei muito dessa seriezinhas. Dessas novelas. Quando eu lembrava só disso. Talvez até por isso eu tenha ficado angustiadas porque. Eu não gosto muito assim de ver televisão. Essa época que passava isso. Que eu vivia em casa e tal. Não tinha muita opção né? [...] Eu realmente fiquei presa nas novelas **(Lady Madonna)**

O que eu fiquei prestando atenção no som era de qual abertura de novela me lembrava. Porque parecia uma coisa de novela. Até filme. E eu queria saber de onde eu tinha ouvido essa música. Porque ela não me pareceu muito incomum **(Miss Lizzy)**

Me fez sentir que eu estava na cena de um filme que eu adoro [...] que é orgulho e preconceito [...] me lembrou as danças [...] e dá uma sensação de um campo **(Duchess of Kirkcaldy)**



O grave porque eu gosto mais do que de agudo [...] eu namorei muito músico [...] namorei muito músico [...] então eu conheço música, né? mas é porque eu escuto eles tocando (**Marvel**)

Dançando na chuva [...]teria que inventar uma dança naquele estilo (**Rocky Raccoon**)

Quando a gente tá num filme e vai transportando a gente pra um lugar que dá uma sensação boa (**Miss Lizzy**)

Tipo acender uma fogueira e as pessoas ficarem dançando ao redor da fogueira durante a noite enquanto toca essa música. Como eu acho que é. Porque tipo eu vi. No meu livro de literatura. Tinha essa imagem das pessoas dançando sobre a fogueira e pulando. Mas tipo, não tendo uma coreografia. Nem deixando nada muito solto. Mas elas faziam passos em comum. (**Miss Lizzy**)

Os espaços revisitados

Me deu uma puxada de memória. Naqueles sambas antigos que tinham chorinho. Essas coisas. Então me veio essa casualidade também do Rio. Talvez por isso eu esteja definindo ela como casual. (**Lady Madonna**).

Eu lembrei de uma viagem de carro que eu fazia pela região dos lagos [...] ia para o interior do rio [...] me traz justamente essa ideia de um campo [...]até um tom de natal nessa música (**Eleanor Rigby**)

Uma viagem bem longe, bem distante né? o local, uma coisa muito local, onde eu nasci, foi bem legal” (**Rocky Raccoon**)

É tipo. Pois é! Eu podia dizer que eu consegui me sentir como eu faço quando estou escutando música. Ficar deitado no escuro. Ficar deitado no escuro com fones de ouvido. Fechado! Focado só na minha música. (**Jojo**)

Na verdade eu imaginei uma coisa casual. Tu estarias ouvindo na tua casa. E isso. E fazendo alguma coisa que não te exija muita, muita atenção. Tipo lavando a louça, lavando a louça. E tu começa a prestar atenção nisso. E te envolve na música! E isso



é realmente uma coisa! No máximo um balançozinho. Um movimento com a cabeça. Talvez um passinho! (**Michelle**)

Os participantes do estudo inferem que ao escutar a música, praticamente deslocam-se para períodos outros de suas vidas, infância, lembrando pessoas significativas, remontam essas lembranças a livros, filmes, etc. A este movimento do *ser-no-mundo*, o filósofo francês designa como temporalidade, ou seja, a vivência do tempo sob uma perspectiva que vai além do tempo cronológico como nós o pensamos.

Para Merleau-Ponty (2011) o tempo deve ser remetido a um sujeito que não está fora do tempo. Cada momento do tempo antecipa outro momento sendo “*que pelo tempo constituinte dá-se o tempo constituído*”, onde o primeiro designa a transição de um momento temporal ao outro, e o segundo, às multiplicidades sucessivas. Para o autor, se o Ser entende que o mundo em si é o “horizonte do seu presente”, e que o passado, o presente e a posteridade estão ligados no movimento de temporalização, a temporalidade torna-se então a chave do conceito de expressão e compreensão deste “ser-no-mundo-temporal”.

A interposição da temporalidade é entendida pela Fenomenologia não como um movimento retrógrado bidirecional onde o surgimento de um presente evoca a compreensão de um passado que desperta um futuro; mas sim como um movimento único onde um novo presente se torna a passagem a um futuro, o “agora-sucessão”.

Para Merleau-Ponty, as experiências permitem ao indivíduo a se reconhecer, a perceber que é o dono de si e que isso se dá no contato direto com o fato.

Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos então um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente, porque ele é seu saber de si e de todas as coisas, e que conhece sua própria existência não por constatação e como um fato dado, ou por uma interferência a partir de uma ideia de si mesmo, mas por contato direto com essa ideia. (p.496/497)

Merleau-Ponty (2011) traz que a existência não pode ser separada do mundo, assim como a percepção não pode ser separada do fundo, já que a construção do ser se dá



na relação constante, é o ser-no-mundo. A síntese perceptiva é a temporalidade, em que o sujeito concebe o presente, através de seu passado e seu futuro, ou seja, sua historicidade.

3. Capacidades, habilidades e atitudes

Elemento que surgiu nas falas dos participantes diz respeito a que a música possibilitou a percepção de que capacidades e habilidades foram “percebidas”, resultado desse mergulhar na música

Eu queria dançar agora [...] porque não dá para explicar.” (**Prudence**)

Eu também queria tentar mas [...] Mas vai sair uma coisa tosca. Mas tipo parece aquelas danças típicas. Meio folclóricas e antigas” (**Lucy**)

Baile dançante de contos de fadas! A bela e a fera! Aquelas coisas! Tem umas dancinhas coreografadas. Mas que todo mundo sabe. Daquele jeito ali. É o jeito perfeito pra dançar essa música. (**Lady Madonna**)

Talvez eu seja muito segura de mim [...] então eu me vi na [...] na camponesa como eu expressei, né? [...] então aqui no momento eu me transferi para aquilo lá [...] o que eu acho que eu sou: alegre, energética e com, com alguns momentos que trazem quietude e tristeza também (**Billy Shears**)

Certo de que vivemos no mundo e que nele ocupamos um espaço, Merleau-Ponty (2011) aponta que a própria existência do “ser-no-mundo” é espacial, pois a coexistência do corpo com o mundo maximiza a experiência do sujeito e faz surgir uma direção a ser seguida. A vivência dessa direção pode se dar em dois caminhos: no espaço vivido (meio pelo qual a posição das coisas se torna possível e plausível) ou no espaço antropológico que abrange as formas extremas ou aberrantes, como coloca o autor, da vida ou da consciência, como a loucura, o mito ou o sonho.

Merleau-Ponty coloca que motivo e decisão são dois elementos de uma situação. O primeiro é o fato, o segundo a situação assumida. Assumir esse papel faz o indivíduo



assumir essa posição, pois há a validação do motivo. Ou seja, a forma como o indivíduo se mostra, se posiciona, atua, ou seja, a forma como vemos o seu corpo e como é o relacionamento dele com o mundo, mostra como o indivíduo se sente em relação aos próprios objetivos e como lida com as dificuldades. “Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser [...]”. (Idem, p. 236) O corpo nada mais é que o próprio ser se manifestando. Compreende ainda que o objeto só é apreendido através da experiência corporal, mesmo que a imaginação já o tenha percorrido.

4. E sou afetado: os sentimentos afloram

Adentrar uma experiência pluridimensional como a que foi apresentada aos participantes, resulta em perceber que a música ali tocada, levou-as a compreender a dimensão das relações humanas, os sentimentos e afetos, vivenciados por eles em sua trajetória histórica e, no momento em que a atividade foi realizada, suscitou neles alegria, felicidade, paz, calma, relaxamento.

O sentimento que eu mais tive foi de alegria. Tipo, como se eu tivesse [...] tipo [...] não tem quando a gente assiste um filme e a música faz com que a cena pareça alegre? Aí, foi essa a sensação que eu tive (Mary Jane)

Me veio a lembrança de felicidade lembrar de como se tivesse uma música de fundo para um momento feliz (Anna)

Eu me sinto alegre, um clima alegre e eu penso nesse passinho que as duas mãos das pessoas (nunca se tocam) e eu penso que eu estaria, eu estaria me movendo muito e muito feliz (Anna)

Uma sensação de paz e de calma [...] me traz justamente essa ideia de um campo [...] até um tom de (natal) nessa música (Eleanor Rigby)

Alegria, porque foi [...] eu não consegui parar de pensar em coisas boas e felizes a partir do momento que começou a tocar (Duchess of Kirkcaldy)



Relaxamento [...] eu dormiria escutando [...] questão de onda cerebral, organizar onda cerebral, então se passar um dia agitado como geralmente eu passo aí chega de noite e vai diminuindo (**Marvel**)

Paz [...] em primeiro momento paz [...] (**Rocky Raccoon**)

Ai! Eu tive uma sensação de paz assim, sabe? (**Miss Lizzy**)

Eu fiquei um pouco agoniada porque eu não gosto de ficar olho fechado [...] no início eu tava prestando mais atenção, mas depois eu dei uma viajada [...] então, eu relaxei de certa forma (**Eleanor Rigby**)

Me senti sereno [...] e eu consegui perceber melhor a música, assim [...] detalhes que se eu tivesse aqui olhando não conseguiria perceber, se eu tivesse no celular também ou se eu tivesse um pouco mais longe [...] acho que de olhos fechados eu consegui perceber a essência da música (**Billy Shears**)

Sereno, mas assim, é [...] calmo, tranquilo, uma [...] é como se a gente fosse levado pra outro, outro nível de (risos) ascendência assim, você entra numa, num grau de atenção, num grau de concentração, muito mais, porque você não tem toda a distração visual, né? então você vai muito mais nos detalhes, presta muita atenção, muito mais atenção nas nuances que tem cada nota musical (**Billy Shears**)

É uma viagem que a gente faz, tem todo um sentimento diferente, é uma coisa quase sem, assim [...] não consegue explicar muito com palavras não, é sentimento mesmo [...] Maravilha [...] por conta de tudo isso que ela me trouxe, né? todas essas recordações, todo esse sentimento que ela me fez resgatar aqui! (**Rocky Raccoon**)

Foi uma mistura de calma e eu tava um pouco ansiosa [...] acho que é uma mistura de curiosidade e ansiedade (**Julia**)

Esses dias eu tava até conversando com uma amiga. Eu tipo faço tudo com música. E a música realmente consegue assim. A música tem o poder de me deixar nervosa, de me acalmar, de várias coisas. Então, eu não consigo acho que pegar tanto esses detalhes porque eu assim [...] eu sinto a música como um todo. Eu não consigo fazer



essa separação. Então, é muito difícil pra mim dizer assim qual chama mais atenção
(Lady Madonna)

A sensação que eu tive foi de imersão completa na música. E do sentimento do ritmo dela e a acústica tava parecendo que tava muito mais alta. Tava, tava muito confortável de ouvir **(Martha)**

É prazeroso ver alguém tocar pra mim (...) E, não! É sério! É prazeroso. Eu gosto de uma pessoa tocando e fechar os olhos me faz abandonar essa atenção obsessiva. Eu continuei prestando atenção. Eu continuei notando. Mas é como se fosse uma hipnose. É como se eu relaxasse contra a minha vontade, digamos assim! E pudesse divagar um pouco mais [...] eu não sei se é [...] é por causa dessa sensação que eu tive de que música, sendo ouvida de olhos fechados. Música clássica. Ela é hipnótica. Então! Eu tive uma sensação de me ver como se eu estivesse meditando, entendeu? Como se eu estivesse usando essa melodia. Essa coisa pra relaxar. E pra encaminhar minha mente pra outro lugar, sabe? pra outros pensamentos. Então! É o máximo que eu consigo extrair disso porque eu mal pensei em mim assim **(Michelle)**

De olhos fechados a sensação de calma foi muito mais profunda. E eu também senti que a conexão de olhos fechados com a música é tipo muito mais, mais forte. E provavelmente se eu tivesse de olhos abertos eu não teria tido essa concentração de todas essas memórias. Todas essas imagens vindo na cabeça. Se não fossem os olhos fechados **(Molly Jones)**

Como eu falei, a coisa com a música aflora. O que já tá né dentro da gente. E eu que talvez o fato de eu ter ficado desconfortável. Ter sentido algo. Ter sentido angústia. É realmente porque eu tô num momento não muito legal. Então, eu acho que só aflorou uma coisa que já existe. Não é, tipo assim, a música me causou. Não! Eu acho que ela deu uma a florada entendeu? **(Lady Madonna)**

Eu me percebi escutando a música de uma maneira bem calma e atenta. Até porque eu sabia que eu iria responder. Então! Eu fiquei atento. E a música é tranquila. Então ela me deixou calmo. E esses dois juntos facilitou ainda mais porque eu gosto



bastante de detalhar minhas respostas. Então! O fato de ser uma música calma me fez ficar mais atento ainda e me ajudou a responder (**Mr Kite**)

Eu acho que [...] eu não sei se eu estava sedenta por um momento de alegria nesse dia. Que foi muito complicado. Então, eu acho que essa sensação toda de alegria que eu já falei. É [...] foi muito boa! Foi uma sensação muito boa que tá durando até agora. Eu saí da sala, já tava estressada também. E agora to mais leve, me deu essa tranquilidade. Então eu percebi uma mudança de humor ao ouvir uma música [...] Obrigada (**Martha**)

Merleau-Ponty (2011) ressalta que na relação com o outro, o corpo pode ser reduzido a um objeto sobre o olhar de senhor do outro ou ter seu próprio desejo reconhecido pelo outro se tornando senhor de si mesmo. A opinião do outro perde a categoria de algo a ser reconhecido e o ser liberta-se para viver os seus sonhos e suas vontades. Sobre o exemplo do cubo e suas seis faces, Merleau-Ponty relata que “Do ponto de vista de meu corpo, nunca vejo iguais as faces do cubo, mesmo se ele é de vidro [...]” (IDEM, p.273/274). Daí os participantes revelarem que na experiência terem sido vários os sentimentos e afetos oriundos da mesma.

Merleau-Ponty traz que a espacialidade do corpo “é o desdobramento do seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo.” (Idem, p.2011) O corpo está presente no espaço, apropriando-se dele para viver suas experiências. Há uma interferência direta entre o espaço e o modo de existir, o corpo é esse espaço.

O corpo tem um papel fundamental e indissociável da existência. Afinal, “o papel do corpo é assegurar essa metamorfose. Ele transforma as ideias em coisas, minha mímica do sono em sono efetivo” (Idem, p.227)

5. Outras concepções, outras conotações, outras possibilidades

Neste momento percebe-se que a vivência perpassa o “locus”, vai além do local onde se realizava a atividade, e os participantes mergulham de tal modo que as percepções



adentram por trabalhos que ainda teriam de realizar, a provável época em que a música foi composta, imaginar-se como outra pessoa, de estar em outro lugar.

Os trabalhos que ainda tem que fazer, ao mesmo tempo que me trouxe paz, né? o trabalho martelando aqui [...] ‘tem trabalho tem trabalho tem trabalho’, né? mas eu acho que foi mais nesse viés mesmo do pensamento, do passado, do que agora
(Rocky Raccoon)

Eu pensei em como as pessoas faziam essas músicas [...] as notas eram tão, elas dizem tanto sobre a época, eu fiquei me perguntando assim, como pode uma música conseguir ser marcada tão de tal forma por uma época **(Duchess of Kirkcaldy)**

Meio que me transferi (risos) pra camponesa que eu imaginei, então, eu imaginei ela no meio de um campo [...] eh [...] com bastante ver assim [...] uma grama alta e de vestido, então segurava o vestido de ambos os lados e saltitava de um lado assim pro outro [...] talvez também pela serenidade que o campo passa tranquilidade, é isso
(Billy Shears)

A questão da [...] que a música, as vezes ela chama a atenção né?... mas ela começa num tom e ela tem uma quebra [...] essa quebra às vezes faz com que a música se torne uma coisa assim [...] aquele momento é o ápice [...] é, é inesperado, às vezes a música tem isso, né? a questão do inesperado, quando ela quebra naquele ápice e a gente parece que viaja mais naquele momento ali **(Rocky Raccoon)**

Eu fico fascinado com essa capacidade da música, que nada mais é do que um sistema lógico, uma coisa objetiva, ter a capacidade de expandir e trabalhar o significado de cada uma das pessoas. Cada um aqui escutou a mesma música, esse mesmo sistema lógico, mas esse [...] essa sequência de notas e acordes fez com que cada um trouxesse um significado único e isso me deixa muito intrigado [...] queria saber porque que [...] uma nota tem um determinado efeito e eu fico muito fascinado com essa capacidade de misturar coisas objetivas com coisas subjetivas **(Billy Shears)**



Eu acho que estar de olhos fechados contribui pra, pra esse [...] é pra focar mais na música [...] eu não sei [...] é divagar, né? divagar com mais facilidade, eu acho que eu mergulhei mais na cena justamente por estar de olhos fechados (**Mary Jane**)

Acho que me lembra algo folk. No sentido de ser algo que vai ser feito pela [...] mais pela população, do que algo mais tipo erudito... Algo mais que pessoas comuns poderiam ficar ouvindo. Tocando em fogueira. Pode ser essa palavra por falta de um termo melhor. É folclórico, folclórico (**Jojo**)

Eu pensei em uma coisa mais romântica. Own! Porque quando escuto essas músicas me lembro daqueles bailes que as mães levavam as filhas lá pra jogar pra sociedade. (**Carol**)

Teve uma hora que tipo [...] eu me concentrei na música totalmente. Eu pude é [...] imergir e pensar nas lembranças e tal! Mas logo no princípio tudo que eu conseguia pensar era ‘como é que ele tá tocando isso? E tentando lembrar de alguma música parecida que eu já tivesse ouvido (**Molly Jones**)

Fora isso, eu não abstraí muito, né? Eu não fui muito longe. Eu fiquei realmente prestando atenção. E até meio que tentando criticar assim o que tu tava tocando. (**Michelle**)

Uma coisa que eu pensei nisso, lembra que eu falei que pensei na praça. Então! Não era exatamente uma [...] não era uma música de realeza [...] Era uma música de povão medieval. E é essa a impressão que eu tive, sabe? De pessoas dançando em volta da fogueira e tal (**Molly Jones**)

Merleau-Ponty (2011) traz que o corpo é o responsável por fechar, mas também por abrir o sujeito ao mundo, permitindo-o vivenciar novas e antigas experiências, redescobrimo sua existência. Assim, o autor revela que “a simples presença de um ser vivo já transforma o mundo físico, faz surgir aqui ‘alimentos’, ali um ‘esconderijo’, dá aos estímulos um sentido que eles não tinham” (p.257).

A percepção do corpo se dá pelo conhecimento e pelos gestos, estes que mostram como o indivíduo pensa e como significa o mundo, a sua existência. O corpo é o mesmo



que vê e que toca. É pelo corpo que o sujeito se mostra, porque ele não está no corpo, ele é o próprio corpo e sua forma de existir e relacionar-se no mundo. (IDEM, p.208).

Para Merleau-Ponty, as experiências permitem ao indivíduo se reconhecer, a perceber que é o dono de si e que isso se dá no contato direto com o fato.

Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos então um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente, porque ele é seu saber de si e de todas as coisas, e que conhece sua própria existência não por constatação e como um fato dado, ou por uma interferência a partir de uma ideia de si mesmo, mas por contato direto com essa ideia. (p.496/497)

Considerações finais

A partir do que foi exposto, destaca-se a importância da música para o cotidiano do ser-no-mundo. A partir da apresentação de música erudita – Bouree em Mi Menor de Johann Sebastian Bach -, diversas sensações foram evocadas e os participantes puderam se transportar e relaxar, trazendo-a como um amplo lugar de percepção e expressão. O contato inicial com a música foi de quase total imersão, sendo muito relatada a sensação de ser transportado para uma outra época.

Apesar de soar familiar para alguns, a música trabalhada não era conhecida pelos participantes. Geralmente, isto acabou não sendo motivo para que esta deixasse de possibilitar aos ouvintes de se sentirem numa situação confortável e temporalizarem, revivendo situações que perpassam por toda a vida do indivíduo, permeando as suas relações sociais, suas formas de entretenimento e muito mais, indo além do dos contornos da música. Para alguns poucos, não conhecer a música levou a demasiada curiosidade e angústia.

O fechar os olhos para ouvir a música possibilitou com que imersão relatada tornasse profunda, sendo até relatado o sentir-se relaxar contra a própria vontade. Por outro lado, também trouxe angústia para alguns, que se preocupavam com o que não estavam a ver.



Portanto, uma música de aproximadamente apenas um minuto e meio, cheia de contrastes harmônicos, pôde trazer à tona tudo o que foi abordado, tocando e sendo percebida por cada um dos participantes da sua forma. A simples música chegou a mudar o humor de participantes e trouxe um aspecto terapêutico. Então, as entrevistas acabaram tornando-se um lócus de reflexão e apontou a dimensão da música na vida de cada um.

Sendo assim, propõe-se ao Núcleo Docente Estruturante que realize discussão com docentes e discentes no sentido de propor a utilização da música nas dinâmicas de grupos para grupos específicos, tais como: pessoas com doenças crônicas, crianças, adolescentes, dentre outros como um instrumento de grande valor. Além disso, que se pense a possibilidade de inserção da música na prática pedagógica docente no processo ensino/aprendizagem na formação do psicólogo na Universidade Federal do Amazonas.

Referências

- Al-Assai, C. T. (2008) **Música: lugar de memória e morada do Ser**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Bicudo, M. A. V. **Pesquisa Qualitativa** – Segundo a Visão Fenomenológica. 1ª ed., Editora Cortez, 2011.
- Castro, E.H.B. de **Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. Appris, 2017.
- Castro, E.H.B. de **Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica** - Appris, 2019.
- Castro, E.H.B. de A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: CASTRO, E. H. B. de (Org.) **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica**. – 1ª ed. – Editora Appris, 2020, p. 157-176.
- Coltro, A. (2000) **A Fenomenologia: Um enfoque para além da modernidade**. Caderno de Pesquisa em Administração. v.1, n.11, 1º Trimestre.
- Galvão, A. (2006) Cognição, emoção e expertise musical. **Psic.: Teor. e Pesq.** v. 22, n. 2, p. 169-174.



- Martins J., Bicudo, M.A. (2005) **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 5.ed. – Moraes.
- Merleau-Ponty, M. (2011) **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª ed. Martins Fontes.
- Minayo, M. C. de S. (2014) **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14.ed. Hucitec.
- Polo, C. K. (2011) **Intervenções lúdico-musicais frente ao estresse de crianças acolhidas vítimas de violência doméstica**. Dissertação (Mestrado em psicologia da saúde) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- Rogers, C. R. (2001) **Tornar-se pessoa**. 5. ed. Martins Fontes.
- Schindwein, L. M. (2015) As marcas da arte e da imaginação para uma formação humana sensível. **Cad. CEDES**, v. 35. p. 419-433.
- Silva, J. E. C. (2013) Entre a palavra e a coisa: a música e a origem da significação na estrutura da verdade. **Trivium**, vol. 5. n. 2. p. 1-18.

Recebido: 15/09/2021 Aceito: 14/12/2021

Autores

Guilherme Vasconcelos Torres

Discente do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-existencial. E-mail: guilhermetorres98@gmail.com <https://orcid.org/000-0003-3609-9375>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLERP/USP. Docente do curso de graduação e mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-existencial (LABFEN)/UFAM e-mail: ewertonhelder@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-227-5278>